

Sobre a origem e o desenvolvimento do sistema verbal das línguas crioulas de base portuguesa:  
*sa/sã/ta.*

John M. Lipski  
*Universidade Estadual de Pennsylvania (Estados Unidos)*

## **Introdução**

As relações genealógicas entre as línguas crioulas de base portuguesa—entre elas a *fala de preto* o pidgin arolusitano dos séculos XV-XVIII—são muito complexas e ainda não existe um consenso em quanto à possível origem monogenética dos crioulos.<sup>1</sup> Em particular existem as seguintes incógnitas: (1) a origem do verbo copulativo *sa/sã* que aparece nos primeiros textos arolusitanos e afrohispanos e também nos crioulos de São Tomé, Annobom, Príncipe e Macau mas não ocorre nos outros crioulos de base portuguesa. (2) a origem possivelmente múltipla da partícula preverbal *ta* que não aparece nos primeiros documentos afroportugueses mas existe em todos os crioulos de base portuguesa com exceção dos crioulos do Golfo da Guiné. (3) a distribuição complementar dos elementos crioulos *ta* e *sa*: não coincidem em nenhuma língua crioula com exceção do crioulo de Macau. (4) as configurações sociolingüísticas que existiam no período formativo dos crioulos de base portuguesa e as relações entre a língua completa dos brancos, os pidgins espontâneos dos africanos e asiáticos e as modificações deliberadas da língua portuguesa em boca dos colonos brancos. Neste trabalho procuraremos adiantar as fronteiras etimológicas destes elementos, a maneira de refinar o modelo genealógico.

### **A cópula invariável *sa/sã***

O verbo copulativo *sa* aparece nos crioulos do Golfo da Guiné (São Tomé, Príncipe, Annobom).<sup>2</sup> Atualmente o verbo não tem nasalidade mas está documentada uma variante nasalizada antiga para Annobom (Schuchardt 1888a:196). No angolar o verbo homólogo é *?a*, muito provavelmente uma simples transformação fonética de *sa*:

(1)

[Príncipe] ina *sa* migu mutu `Eles são meus bons amigos' (Günther 1973:85)

[Angolar] ê ?*a* kai `êle fica em casa' (Maurer 1995:93)

[Angolar] Peru ?*a* peetu `Pedro é preto' (Maurer 1995:93).

[São Tomé] kafe *sa* kēci `O café está quente' (Ferraz 1979:77)

[São Tomé] e *sa* pletu `êle é preto' (Ferraz 1979:77)

[Annobom] omá bo *sa* ganji ganji `Teus pés são muito grandes' (Barrena 1957:31)

[Annobom] otulo *sa* Pachicu `Outros são [de] Francisco' (Vila 1891:10)

[Annobom] Se eli na ngo pa se fa eli *sa* nge d'Ambú-f `êle não desejava que soubessem que era de Annobom' (Post 1995:197)

[Annobom, século XIX] Caja *sam* bo `Como é o teu nome?' (Schuchardt 1888a:196)

O verbo *sa* também aparece nos primeiros textos afro-ibéricos do século XVI (p. e. de Gil Vicente, Lope de Rueda), as vezes com a variante nasalizada *sã* e a forma invariável *samos* (Sarró López 1988). Nestes textos também ocorrem os «infinitivos» *sar* e *essar*. Eis alguns exemplos afroportugueses:

(2)

**De Gil Vicente:**

De O CLÉRIGO DE BEYRA:

Ja a mi forro, nama *sa* cativo ...

turo turo *sa* canseira ...

Que palote saba *sam*,

Tres ceutil *sa* qui so ...

De FRÁGOA D'AMOR:

A mi *sa* negro de crivão,

tu *sa* home o *sa* riabo? ...

De NAO D'AMORES:

boso amor *sa* comungaro ...

**Do AUTO DAS REGATEIRAS de Chiado (1968) :**

A boso sempre *sa* graia ...

Seora, nunca poder; *sa* massando, *sa* cupada...

Seora, *sa* farinhada...

**Do AUTO DA BELLA MENINA de Sebastião Pires (1922):**

ou la gentes ou falay corpo na *sam* quebray ...

Eu *sa* negro de bosso yrmão que onte de Brasil chegou ...

Portugal *sa* elle agora tam bragante hora tam fermosante ...

tambem negro nam *sa* gete e boso zombay de mi...

**Do AUTO DE VICENTE ANES JOEIRA (Berardinelli 1963):**

sabe boso, homem horrado, esse muer *sa* prenhado ...

boso *sa* mor salvage do que nunca posso ber.

esse home *sa* mofina...

**Duns poemas anónimos do século XVII (Hatherly 1990):**

como vi bosso fromozinha turo singo *sa* peredido ...

Os sege, ya *sá* punhalo a la nos cavalariça ...

Pógi pra qui *sá* os bordão, que nus trazera simpina? ...

Oya vozo nu qui *sá* metida! ...

Isso *sa* ja prohibida...

**Duma carta do `Rei Angola' ao `Rei Mina' em Lisboa, século XVII (Tinhorão 1988:191):**

sabe vozo, que nossos festa *sa* Domingo, e que vozo hade vir fazer os forgamenta, ya vussé não falta vussé

cumpadra, que os may Zoana os fia dos may Maulicia, e dos may Zozefa *sa* biscondessa dos taraya ...

A variante nasalizada *sã* (com a variante arcaizante *sãõ*) também existe no crioulo de Macau:<sup>3</sup>

(3)

Casa masquí piquinino, *sã* casita pa ficá `Uma casa, embora seja pequena é [suficiente] para viver'

(Ferreira 1973:51)

Vôs *sã* iou-sua amôr `Tu és meu amor' (Ferreira 1973:102)

*Sã* quim? `Quem é?' (Ferreira 1973:148)

Nôs más contente *sã* olá `Nós ficamos muito contentes de olhar' (Ferreira 1990:6)

Diabo *sã* vôs `Tu és o diabo' (Ferreira 1967:24)

iou nunca *sã* enfeá `eu nunca fico desonroso' (Ferreira 1967:73)

## Origens de *sa/sã*

Nuns trabalhos anteriores (Lipski 1999, 2002a) sugerimos que o verbo invariável *sa/sã* provém da confluência de dois fatores. Primeiro, o português medieval continha a forma *samos* (Williams 1962:235-6), variante dialetal de *somos* (e a outra forma analógica *semos*, existente também em espanhol). Em outras palavras, existia um paradigma «paralelo» dum verbo hipotético *sar* ou *essar*, talvez em relação analógica com o verbo *estar*, que já adquiria funções copulativas na época medieval. O corpus de textos afroportugueses e afrohispanicos dos séculos XV-XVII revela uma ampla variedade de variantes de este verbo analógico: *sa*, *sã*, *sar*, *essar*,

*samos*, etc. Sabemos que os portugueses que tinham contatos lingüísticos com os africanos e os asiáticos nos séculos XV-XVIII saíam principalmente das classes sociais inferiores e das áreas rurais de Portugal, onde abundavam as formas verbais analógicas e inovadoras.

O outro fator que contribuía à formação da cópula *sa/sã* diz respeito ao paradigma do verbo *ser* antes do século XVI. A forma latina *sedeo* > *sejo* no português antigo foi substituída por um derivado da primeira pessoa singular de *esse*: *sum* > *som* ou *sõ*, com vogal nasal. A terceira pessoa do plural tinha seguido a evolução normal: *sunt* > *som* > *sõ*, deixando como resultado uma identidade fonética entre as duas formas do verbo *ser*. A partir do século XV as vogais nasais [ã] e [õ] começavam a sua diptongação em [aõ] e a resultante confusão com o diptongo nasal [ãõ], resultado da combinação *-anu* do latim. As idénticas formas do verbo *ser* escreviam-se indiscriminadamente como *som*, *sam* e *são* e faziam rima com a antiga vogal nasal [ã]. Eis alguns exemplos do *Cancioneiro geral* de Garcia de Resende, onde aparece também os primeiros exemplos da linguagem afroibérica (Guimaraes 1917):

(4)

PEDRO D'ALMEIDA:

... sabey quee com entender maas rrepostas quã maas *são*. (15)

JORGE DE RRESENDE:

... meus dias nysto ssoo *sam* acupados ... que meus dias nam *ssam* em al acupados. (26-7)

... mas se *sam* do coraçam, que *ssa* de calar coelas. (40)

Os meus dias sacabaram, por que estes ja nam *ssam* ... eu nam posso sentir o que mais *ssão* me sseria ... (42-3)

Minha vida *ssam* tristezas ... vosas obras *sam* cruezas ... (47)

... aos que vossos nam *ssam* (48)

JOAM DA SYLUEYRA:

*Sã* gentys homese farte ... (58)

ALUARO FERNANDEZ D'ALMEIDA:

As trouas *ssam* acabadas ... malas v' *ssam* doluidar ... (67)

... mas cuidarey que ssinays *sam* profiçyas mayores (69)

SYMÃO DE SOUSA:

... senhora, eu contrafaço, & *ssam* perdido ... posto que sejam tamanhos como *ssam* (106-7)

... Da senhora dona Joana de mendoza me chamo eu, por esta *ssam* ja sandeu (115)

Males que nã *ssão* de fora ... (117)

O costume deste rreyno dilo ey, que nam *ssam* mudo (119)

ESTRYBEYRO MOOR:

... quem começo tam perdido perdidos *ssam* nos finays ... com *ssinays* de fremosfera, nam *ssam* de vida segura (135-6)

FRANÇISCO MENDEZ:

Nam *ssam* frade pera sser santeficado (145)

... direy que *ssam* frade ... (148)

ANRRIQUE DA MOTA (a huma negra):

eu *ssam* aqy o culpado, & outrem nam, eu *ssam* o denificado & eu *ssam* o magoadado, eu o *ssam* (198)

Goayas, que *ssam* destroçado ... (202)

... segundo me tem amor, por que *ssam* sseu servidor ... (205)

... eu o *ssam* (212)

... *ssam* prantadas por estas santas mãos m+has (214)

... assas demffada *ssam* de chorar (242)

... mas cuydoq *ssam* pecados ... (250)

... por que *ssam* de concertar o precurador co juiz (265)

MANUEL DE GOYOS:

Eu *ssam* o que me vençy ... (277)

... Eu a tenho, & *ssam* culpado ... (280)

Trabalho por mengonar, por que *ssam* desenganado ... (288)

GARÇIA DE RRESENDE:

... *ssam* assy afydalgados (317)

*ssam* muy veçido damores ... (338)

... por quas cousas de querer nam *ssam* por leys nem degredo (340)

... massentay por caualeyro, pois o *ssam* muy verdadeyro ... (376)

Todas estas cousas *ssam* ... (392)

Eu *ssam* muy antremetido ... eu *ssam* muy gentil galante ... *ssã* be desposto ... sey bem cantar, & tanjer, algæs *ssam* em mimdeutos, e *ssam* prezado das damas ... eu *ssam* muyto destimar ... *ssam* destarte zombador ... (410-12)

Muitas línguas africanas convertiam as vogais e diptongos nasais do português em vogais orais;<sup>4</sup> apresenta-se assim uma explicação fonética para a evolução *ssã* > *sa*.

Estes dados oferecem um modelo para a realização variável da cópula afroibérica como

*sa/sã* e *são* em diferentes lugares e em distintas épocas. Podemos postular que este verbo penetrou o pidgin afroportuguês na Costa do Ouro/Costa dos Escravos da Bahia de Benim, por exemplo a citar um documento escrito pelo sacerdote Joseph de Naxara, que morava em Allada (Benim) em 1659-60 (Naxara 1672). Naxara descreve a fala pidginizante dum africano com a seguinte imitação:

(5)

Não me cheguè à èla, porque *sa* Ramera ... è meu Pai me votarà à ò tronco, se sabe que mi falè co ela ... è mais, que mi non quero chegar à ela, porque *sa* Ramera ...

Da Bahia de Benim os verbos *sã* e *sa* teriam chegado a São Tomé e Príncipe e às comunidades africanas falantes do pidgin afroportuguês em Portugal. A cópula *sã*—ainda nasalizada—teria chegado a Macau em boca dos escravos pretos que povoavam todas as colônias portuguesas de Asia.<sup>5</sup> A presença de negros africanos em Macau durou tres séculos, ou seja tudo o período formativo dos crioulos de base portuguesa. Como testemunho da intensidade dos contatos culturais entre africanos e asiáticos, Amaro (1980) descreve uns jogos da Africa Occidental (e mesmo da Bahía de Benim) no folclore macaense.

Eis um resumo da formação da cópula invariável *sa/sã*:

(6)

- realização da primeira pessoa do singular e a terceira pessoa do plural de *ser* como [sã]/[sãõ] no século XV.
- confusão de *ser* e *estar* nos primeiros contatos lingüísticos afroibéricos; criação das formas híbridas (*essar, sar, etc.*)
- existência de *samos* como variante dialetal de *somos* em Portugal.
- interpretação das vogais e diptongos nasais como vogal nasal simples [ã] ou vogal desnasalizada [a] pelos africanos na Bahía de Benim, São Tomé e Angola.

- traslado da cópula *sa*--parcialmente integrada ao pidgin afroportuguês--desde a Costa dos Escravos/Bahía de Benim a São Tomé.
- traslado da cópula *sa/sã* desde a Bahía de Benim (e possivelmente São Tomé) até Macau, provavelmente no século XVII.

### **A partícula preverbal *ta* nos crioulos de base portuguesa**

A partícula aspetual *ta* existe em todos os crioulos de base portuguesa e espanhola com exceção dos crioulos de São Tomé, Príncipe e Annobom, embora tenha valores semânticos muito diversos entre as línguas crioulas. A forma da construção *ta* + VERBO INVARIÁVEL (uma forma do verbo derivado quase sempre do infinitivo) faz pensar que a origem desta combinação é a perífrase progressiva *estar a* + INFINITIVO do português europeu contemporâneo: *estou a trabalhar*, etc.<sup>6</sup> Naro (1978:342) propõe que a partícula *ta* formou-se no século XVI no pidgin afrolusitano conhecido como «linguagem de reconhecimento»:

(7)

The European began by putting verbs in the infinitive, thus eliminating person and tense markings ... bearing in mind the typical reconnaissance language elimination of prepositions ... by this same process the standard *Eu andava a aguar o jardim* 'I was watering the garden' became *Mym andar augoá jardim* ... However, *estar* was more usual than *andar* as the auxiliary of this sort of progressive construction, and was phonologically reduced to *tá* (<(*es*)*tar*>); resulting in a type *Mim tá falar* (adverb) 'Me be speaking (adverb).' Thus the two original, separately intuited elements of meaning of the construction received separate expression ... the optional sentential adverb expressed temporal notions, and the *tá* the notion of ongoingness. Since temporal notions were externally expressed, the type 'NP *tá* VP' could be used for ongoingness in any tense. By this simple mechanism, the European reached a strictly aspectual verbal construction without imitation of any models ... many West African languages have a verbal system composed of an invariable base preceded by a number of particles indicating tense or aspect. Clearly, the speaker of such a language would produce the reconnaissance language verbal structures by equating the sentential adverbs of the Europeans with his own verbal particles, and the European infinitive with his base form. The resultant surface structure would be close enough to the European model to avoid correction but it would differ in matters of detail ...

Apesar destas afirmações, os textos literários da *fala de preto* dos séculos XV-XVIII não contêm um só exemplo da combinação *ta* + INFINITIVO, embora os crioulos indoportugueses foram formados no século XVI e os crioulos afrolusitanos no começo do século XVII. Os textos literários só apresentam verbos mal conjugados e muitos casos do infinitivo invariável:

(8)

FERNAM DE SILVEIRA (1455):

A min rrey de negro *estar* Serra Lyoa,  
lonje muyto terra onde *viver* nos,

HENRIQUE DA MOTA:

a mym nunca, nunca mym  
*entornar*

mym *andar* augoá jardim,  
a mym nunca *ssar* rroym,  
porque *bradar*?

GIL VICENTE, *FRAGOAD'AMOR*:

Poru que *perguntá* bos esso?  
Mi bem la de Tordesilha

### **Origem do «infinitivo gerundivo» *estar a* + INFINITIVO**

Na língua portuguesa dos séculos XVI-XVII o verbo auxiliar *estar* ainda combinava-se com o gerúndio (*está trabalhando*) e as vezes com as preposições *pera* (*para*) e *por* + INFINITIVO. Era mais frequente a combinação *andar* + INFINITIVO mas o gerúndio era a forma preferida pelo menos nos textos literários. A combinação «moderna» do infinitivo gerundivo *estar a* + INFINITIVO aparece por primeira vez nos textos literários do século XIX, ao lado do gerúndio tradicional. Apesar da ausência notável do infinitivo gerundivo nos documentos literários anteriores ao século XIX a linguagem popular favorecia o infinitivo gerundivo desde a época medieval. No documento antigo *A demanda do Santo Graal* (Magne 1970:81; fl. 117, cap. 352) encontramos:

(9)



Quando aquêles que *estavam a ouvir* êste conto entenderom que aquel era Erec, filho de rei Lac e que de tam longas terras se fezera levar, começou-se entom o doo tam grande e tam fero, como se todos seus amigos tevessem mortos ante si.

Otto (1891) não registra exemplos do infinitivo gerundivo na obra de Camões (só apresenta casos de *estar por/para* + INFINITIVO), mais existem alguns exemplos (Lund 1980:66):

(10)

... aonde então *estava vizitar* a el Rey a Evora ...

Fahlin (1947) especula que:

(11)

Peut-être ... que l'infinitif gérondial existait à cette époque [é dizer a época de Camões: JML] dans le langage familial. Si tel était le cas, on s'attendrait à en trouver de nombreux exemples dans les oeuvres complètes de Gil Vicente.'

Fahlin não admite exemplos do infinitivo gerundivo nas obras de Vicente, mais apresentam-se alguns casos evidentes, por exemplo na *Floresta de enganos* (Vicente 1943:197):

(12)

Hi *está* elle *a peneirar*, e elle mesmo ha damassar, porque a negra he co marido.

Nesta mesma obra um homem branco que pretende passar por mulher negra fala com a linguagem reduzida da *fala de preto* e emprega só o infinitivo invariável e *estar* com o gerundio:

(13)

Porque vós, mia Señora,  
*estar* tanto destemplada?  
Ya tudo *estar* peneirada:  
que *bradar* comigo aora?  
Que cosa *estar* vos *hablando*?  
Á mí llama Caterina Furnando,  
nunca a mí cadella não

Esta obra é duma importância extraordinária pois revela que a combinação *estar a* + INFINITIVO ainda não formava parte do pidgin afrolusitano estereotipado mas pertencia à linguagem «normal» dos brancos; os pretos *bozais* preferiam os infinitivos invariáveis e os verbos

conjugados na terceira pessoa do singular: *a mí llama*, etc.

Na *Farsa de Inês Pereira* de Gil Vicente as indicações da primeira cena contêm a seguinte frase que combina o gerúndio e o infinitivo gerundivo (Vicente 1941:36):

(14)

Finge-se na introduçam que Inês Pereira, filha de ua mulher de baixa sorte, muito fantesiosa, *está lavrando* em casa, e sua mãe *é a ouvir* missa, e ela canta esta cantiga ...

Maller (1972:267) diz respeito aos diálogos nas peças populares portuguesas no final do século

XVIII:

(15)

Ao todo, vinte casos de infinitivo gerundivo sobre um total de exatamente 200 exemplos de construções perifrásticas à base *estar* ou *andar* – se contei bem – quer dizer, não mais de 10% nesses materiais que devem ser olhados como uma amostra bem representativa do diálogo popular do final do século XVIII.

Maller também afirma que «a construção perifrástica com *andar*, em primeiro lugar, mas também com *estar* + *a* + INFINITIVO, começa a penetrar, ainda que muito raramente ainda, na língua escrita do século XVI».

Como dado de muita importância aparecem varias combinações de *estar* + INFINITIVO nuns poemas anónimos dos primeiros anos do século XVII que imitam a *fala de preto* (Hatherly 1990):

(16)

pois toro *estamo* amorte *a pediro* ...  
...os fia sempre *está a fazero* ...

Estes poemas representam o único exemplo do infinitivo gerundivo atribuído ao pidgin português dos escravos pretos, e documentam a presença desta construção na fala dos grupos marginais muito antes de ser aceiteada pela língua literária.

Barbosa (1999) encontrou exemplos do infinitivo gerundivo em documentos oficiais de

Portugal e Brasil das últimas décadas do século XVIII, e adverte « Vale ressaltar que o registro do infinitivo gerundivo, apesar de raro, remonta à fase arcaica da língua portuguesa.» Eis um exemplo do século XVIII:

(17)

**estou a ver** se tenho navio que mas leve, de contrário” [mss.412/17]

Barbosa acrescenta:

(18)

Se a forma *infinitivo gerundivo* se generalizou na sociedade portuguesa de tal forma que, hoje, se apresenta como um dos contrastes mais contundentes da variante europeia da língua portuguesa face à brasileira, é provável que ela não estivesse sofrendo restrições de ordem social ... O estigma de *popular*, portanto, não deveria estar sendo aplicado àquela época a essa variante. Essa nova hipótese, a ser confirmada, estaria indo ao encontro de resultados para outros casos de oposição entre as variantes nacionais da língua portuguesa. Esse deveria ser o caso da variação anteposição/posposição dos clíticos em relação aos verbos ... houve uma mudança de tendência na passagem para o século XIX em relação à norma europeia: da anteposição à posposição. Ao que parece, algum fato histórico-social ligado ao fim do vínculo colonial com o Brasil definiu uma aceleração de tendências de mudança latentes ao fim do século XVIII.

Barbosa resume as suas conclusões da seguinte maneira:

(19)

- A generalização da forma nova INFINITIVO GERUNDIVO foi favorecida nos auxiliares *ser* e *estar*, quando funcionalmente equivalentes.
- A generalização da forma nova INFINITIVO GERUNDIVO foi favorecida nas circunstanciais temporais, condicionais e modais.
- Não havia maior ou menor reflexo do avanço do *infinitivo gerundivo* segundo o tipo de texto. Se houve generalização dessa variante na sociedade portuguesa, de tal forma que, hoje, se apresenta como um dos contrastes mais contundentes da variante europeia da língua portuguesa face à brasileira, é provável que ela não estivesse sofrendo restrições de ordem social nem no final do século XVIII, nem durante o século XIX.

Como exemplo contemporâneo da erosão fonética que pode produzir a estrutura verbal *ta*

+ V<sub>inf</sub> nos crioulos de base portuguesa citamos o português dos *musseques* (bairros populares) de Angola, onde a primeira sílaba de *estar* desaparece na linguagem vernacular; eis uns exemplos

literários:

(20)

Mas *tá passá* gente perto {Viriato da Cruz, "Makèzu" (Ferreira 1976:164-5)}

O porícia *tá vir!* (129) {Rebello de Andrade, "Encosta a cabecinha e chora" (Andrade 1976)}

Dominga *tá ver* eles ... E Dominga num *tá querêr*... E Dominga num *tá repará* nesses confusao todo ... Que vucê *tá fazer?* ... Ma Dominga *tá ficar* co medo ... {Cochat Osório, "Aiué" (Andrade 1976)}

Dominga num percebe. Dominga num pode. E *tá chorá* mêmô ... Os óio é que *tá querê* chorar, ma Dominga num quere ... E Dominga *tá pensá* que Tonica vai cantar é no rádio ... E esses branco que *tá passar* num le percebe {Cochat Osório, "Aiué" (Andrade 1976)} parece é *tá dormir* ainda ... (78) {José Luandino Vieira, *A vida verdadeira de Domingos Xavier* (1980)}

Também é preciso reconhecer que no português vernacular do Brasil o gerúndio as vezes perde a última sílaba numa erosão fonética extrema, deixando uma configuração semelhante ao infinitivo: *falando* > *falano* > *falá/falã*. Isto fornece outra possibilidade para a combinação verbal *ta* + INFINITIVO a partir do gerúndio clássico.

### **Outras fontes do infinitivo na construção (es)tá + INFINITIVO**

A redução do infinitivo gerundivo não é a única fonte etimológica para a construção *ta* + VERBO INVARIÁVEL nos crioulos de base portuguesa. Varias línguas europeias empregavam o infinitivo desde os tempos medievais para representar a linguagem dos estrangeiros, as crianças, as pessoas que sofrem dos impedimentos mentais e também em algumas combinações narrativas.

Durante a época medieval as imitações dos estrangeiros—em Italia, França, Alemanha, Espanha e Portugal usavam o infinitivo em vez das formas conjugadas dos verbos. A *lingua franca* ou *sabir* do Mediterrâneo—com base nas variedades dialetais de Italia—continha infinitivos sem flexão:<sup>7</sup>

(21)

ANON., ITALIA (CA. 1353)

come ti *voler* parlare?

non *aver* di te paura

GIGIO GIANCARLI, *LA CINGANA* (CA. 1550)

mi no *saber* certa

mi *andar* co'l to dinari, ti *restar* ... `

JUAN DEL ENCINA, 'VILLANCICO' (CA 1520):

Per *benda* dar dos o tres

DIEGO DE HAEDO, *TOPOGRAFÍA E HISTORIA GENERAL DE ARGEL* (CA. 1612):

*mirar* como mi *estar* barbero bono y *saber* curar, si *estar* malato y ahora *correr* bono

FRANCISCO MANUEL DE MELO, *VISITA DAS FONTES* (CA. 1657):

Quem *pintar* senhor cristão? *Pintar* cristão ou mouro? ... Pois ... bem *parecer*; porque, se *pintar* mouro, *pôr* mouro a cavalo e mais de trinta Santiagos ao pé!

MOLIÈRE, *LE BOURGEOIS GENTILHOMME* (CA. 1671):

Mi *star* Mufti; ti qui *sar* qui?

CARLO GOLDONI, *L'IMPRESARIO DELLE SMIRNE* (1761):

*star* omo, o *star* donna?

*DICTIONNAIRE DE LA LANGUE FRANQUE OU PETIT MAURESQUE* (CA. 1830)

Comme ti *star*? Mi *star* bonou, et ti? Mi *star* contento mirar per ti. '

[ALGIERS, 1884] (FAIDHERBE 1884):

Moi mesquine, toi *donner* sordi `

Para muitos observadores esta língua franca é a base para os crioulos «atlânticos» e a «língua de reconhecimento» que servia de modelo para a formação dos crioulos portugueses. É evidente que a opção do infinitivo na língua franca mediterrânea não é uma consequência natural da gramática do italiano mas de uma seleção deliberada pelos «inventores» originais do *sabir*.

Schuchardt (1909:444) diz respeito à seleção do infinitivo na *lingua franca*:

(22)

... wie käme denn der Araber der des Italienischen noch unkundig ist, dazu *mangiar* als Vertreter für *mangio*, *mangi*, *mangia* usw. zu wählen? Nur bei einer sehr großen Vertrautheit mit dem Romanischen würde er das statistische Übergewicht und die funktionelle Allgemeinheit des romanischen Infinitivs erkennen, und selbst dann griffe er, da in seiner Sprache nichts diesem Infinitiv Entsprechendes besteht, wohl eher zur 3. P. Sing. und sagte z. B. nicht *mi voler mangiar*, sondern *mi vuole mi mangia*. Es ist der Europäer der seinem Infinitiv den Passepartoutstempel aufdrückt; so beherrscht denn dieser alle Vermittlungssprachen ersten und zweiten Grades. [Mas como pode ser que o árabe, que ainda não fala italiano, escolhe *mangiar* como exponente de *mangio*, *mangi*, *mangia*, etc.? Só depois dum contato prolongado com as línguas romances

entenderia a frequência estatística e a generalidade funcional do infinitivo em romance. Embora reconheça que a sua língua não tem um equivalente ao infinitivo nem à terceira pessoa do singular ainda não diz por exemplo *mi voler mangia* mas *mi vuole me mangia*. É mesmo o europeu quem generaliza o uso do infinitivo e pelo tanto controla todas as línguas comunicativas do primeiro e segundo grau. ]

Coates (1970:71-2) expressa a mesma opinião:

(23)

This augmented use of the infinitive [in todesche Italian pidgin] is a prime instance of a simplification introduced by the native speaker. The infinitive may be considered the non-personal verb form par excellence, and thus a natural choice as a replacment for personal verb forms. But to know this requires a native speaker's knowledge of the language. To the foreigner, the infinitive is only one of several verb forms he has heard, and by no means the simplest in its formation; it would never occur to him to pick it for extended use. Only the native speaker, then, can be responsible for extending the use of the infinitive. [Este uso aumentado do infinitivo [no pidgin dos todesche] e um bom exemplo da simplificação introzuda pelo falante nativo. O infinitivo pode ser considerado a forma não pessoal por excelência e pelo tanto é um substituto natural pelas formas pessoais do verbo. Mas é preciso o conhecimento da língua que possui o falante nativo. Para o estrangeiro o infinitivo é só uma das muitas formas ouvidas nem sequer a mais simples; nunca lhe daria um uso extendido. Só o falante nativo é responsável pela extensão do infinitivo]

O infinitivo também figurava nas imitações dos «mouros» e dos soldados mercenários alemães ou *todesche* na Italia medieval (Migliorini 1966:331):

(24)

Noi *trincare* un flasche plene  
Mi non *biver* oter vin

As variedades pidginizantes do alemão além da linguagem infantil empregam o infinitivo sem flexão, oferecendo um modelo para o infinitivo nas variedades reduzidas do português. As imitações literárias do «mouro» em Portugal e Espanha também empregavam o infinitivo invariável:

(25)

GIL VICENTE, *CORTES DE JÚPITER* (CA. 1520):

Mi no *xaber* que exto *extar*, mi no *xaber* que exto *xer*, mi no *xaber* onde andar.

FARSA DEL SACRAMENTO LLAMADA LE LOS LENGUAJES (ANON. SÉCULO XVI):

Que *mandar*, mi bon *zonior*?

Mi *xonior*, no *estar* cristiano

Xenpre yo *estar* ben creado, mi no *hurtar*, ni *matar*, ni *hazer* otro becado

LOPE DE RUEDA, *ARMELINA*:

¿Qué te *parexer*, xeñor honrado? ¿*Tenerlo* todo ben entendido?

LUIS DE GÓNGORA (1615):

Aunque entre el mula e il vaquilio *nacer* en este pajar,

o estrelias *mentir*, o *estar* Califa vos, chequetilio.

Os franceses também conheciam o estereotipo do estrangeiro que falava só com infinitivos. Por exemplo numa fábula medieval francesa *Roman de Reynart* uns animais que só falam inglês (a língua dos animais selvagens na opinião dos franceses) dizem em um francês pidginizado (Combarieu du Gres e Subrenat 1981:348-9):

(26)

No *saver* point ton reson dire «não sei falar a tua língua»

Emprega-se o infinitivo invariável ainda hoje nos pidgins de base italiana (Eritrea, Somalia), espanhola (Ilhas Filipinas), francesa (Costa de Marfim) e portuguesa (Angola); eis uns exemplos literários angolanos que demonstram o emprego do infinitivo invariável:

(27)

Patrão, Manueli *ser* maluco. Maluco mesmo! (Azeredo 1956:101)

Este mato *ter* um grande feitiço, patrão. Eu fo i saber, patrão. (Azeredo 1956:102)

Você *estar* doenti, sô Calufferri? (Azeredo 1956:111)

Noiti *estar* no muito perto (Azeredo 1956:114)

Peixi *andar* no muito esperto (Azeredo 1956:136)

Branco *ter* muita corági, diz meu comandanti (Azeredo 1956:155)

Senhor, já *ter* estado eschola aqui, agora já não *estar* mais aqui eschola, já eschola n'outra parte (Vidal 1916:426)

preto também *ser* gente ... (Kopke 1928:297)

Preto velho não *ser* mendigo ... preto *saber* desses poderes mas não *ter* inteligência. Deus *marcar* tudo certo (Ondina 1965: 42)

Senhor! Eu *saber* português (Granado 1940: 76)

Noss Chefe, meu homem *estar* muito velho, não *poder* nada ... mesmo nada ... eu *estar* casada já passa um ano e eu não *ter* filho na barriga! ... meu homem não *poder* nada ... eu não tem filho na barriga! (Granado 1940:208)

Schuchardt (1888b:251-2) descreve o português pidginizante falado em Angola no século XIX, sobre tudo a tendência de empregar a terceira pessoa do singular como verbo invariável: *eu vae*, *eu está*, etc.:

(28)

Dies ist allerdings sehr bemerkenswert; im Kreolischen ist meistens der Infinitiv mit der allgemeinen Vertretung des Zeitworts betraut worden, nur bei den allergebräuchlichsten Zeitwörtern die 3. S. Ind. Präs. Es dürfte sich aber hier überall nicht um ein anfängliches Verhältnis handeln; der Infinitiv wird sich mehr und mehr ausgebreitet haben. Der Jargon, das Kreolische im Keim, begünstigt die 3. S. noch sehr ... Mit der Umschreibung der Tempora aber dringt auch die Herrschaft des Infinitivs durch. Für *eu fallou* sagt man zuerst, indem die präteritale Bedeutung des *-ou* zu dunkel bleibt: *eu já fallou*; dafür könnte nun, da das *-ou* ganz überflüssig wurde, gesagt werden *eu já falla*, dergleichen scheint aber hier wie anderswo durchaus ungewöhnlich, vielmehr trat *eu já fallar* ein. Und das geschieht deshalb weil auch mit dem Infinitiv schon im Portugiesischen zum Teil das durative Präsens umschrieben wird (*eu estou a trabalhar*; zum Teil mit dem Gerundium), im Negerportugiesischen ausschließlic (*eu está trabalhar*), und hier die Umschreibung mehr und mehr um sich greift, sodaß sie z. B. im Kapverdischen für das Präsens schlechtweg gut (*in tâ fazê*) und sogar für das Futurum, bei welchem aber wohl *eu estou para (por) fazer* zu Grunde liegt. So stellt sich denn auch in unserem Negerportugiesisch einem präsentischen *eu está comer* und eine futurischen *eu hade comer* oder *eu vae comer logo* ein perfektisches *eu já comer* zur Seite... [Esto é extraordinário pois nos crioulos em geral o infinitivo é a representação coletiva do verbo e só no caso dos verbos mais frequentes emprega-se a terceira pessoa no presente do indicativo. Neste caso não é sempre uma fase inicial; estende-se o infinitivo cada vez mais. Nos jargons, é dizer nos crioulos emergentes, é frequente o uso da terceira pessoa do singular ... mas a dominação do infinitivo amostra-se com a formação dos tempos verbais. Inicialmente diz-se *eu fallou* mas o sentido pretérito de *-ou* fica escura e dizemos *eu já fallou*. Então o *-ou* é superfluo e dizemos simplesmente *eu já falla*, mas esta combinação como sempre é anormal e *eu já fallar* (com o infinitivo) resulta. E em português o presente durativo expressa-se as vezes com o infinitivo (*eu estou a trabalhar*), as vezes com o gerúndio, mas exclusivamente com o infinitivo no português negro (*eu está trabalhar*). Esta perífrase adianta-se de maneira que por exemplo no crioulo de Cabo Verde usa-se o presente (*in tâ fazê*) para o presente e o futuro, embora a base do futuro é seguramente *eu estou para (por) fazer*. Também no português negro que estamos a considerar existe uma forma do presente em *eu está*



*comer* e uma expressão do futuro em *eu hede comer* or *eu vae comer logo* ao lado duma forma perfeita em *eu já comer*]

Na língua portuguesa o infinitivo invariável não é um componente frequente da linguagem infantil, a diferença do francês e das línguas germânicas,<sup>8</sup> mas aparece na língua dos adultos como resultado de varios impedimentos lingüísticos e cognitivos conhecidos coletivamente como impedimento lingüístico seletivo.<sup>9</sup> Miceli e Mizzuchi (1990) oferecem uns exemplos do infinitivo invariável no italiano impedido:

(29)

Un personaggio *dire* [disse]  
*prendere* [?] la sveglia  
*sta* a dormire

Green (1997, 1999, 2001) estudou a linguagem duns informantes afrodominicanos que parecem amostrar traços crioulos, sobre tudo o emprego do infinitivo invariável; as mesmas pessoas dão indicações de impedimentos lingüísticos, especialmente no que diz respeito à simplificação excessiva das frases. Eis uns exemplos do infinitivo invariável:

(30)

No yo no a mendé e zapote no. `Eu não vendo zapotes [uma fruta]  
sí, a sigui' sim, ela segiu'  
A cogé aquelloh mango. `[eu] apanhei aquelas mangas'  
Hay muchacho sí tabajá sí. `Tem jovens que trabalham muito'  
yo no hacía eso `eu não fiz isso'

Visto que o infinitivo invariável figurava nas variedades lingüísticas consideradas como «infantís» o «defeituosas», era lógica a inserção do infinitivo na «fala de estrangeiro» o linguagem deliberadamente reduzida pelos portugueses para a comunicação com os escravos e os indígenas das terras de África e Asia. A existência prévia de perífrases verbais basadas no infinitivo (por exemplo o infinitivo gerundivo como *andar/estar a* + INFINTIVO e as combinações

*estar por, estar pera*) contribuía à formação dum novo sistema verbal nas línguas crioulas surgidas a raiz dos contatos entre europeus e raças subordinadas.

Ademais das combinações com *andar/estar* + PREPOSIÇÃO o português medieval já empregava o infinitivo isolado—as vezes com a preposição *a*—no dito «infinitivo de narração».

Gil Vicente usava esta construção com frequência nas obras de teatro, por exemplo:

(31)

*Quem tem farelos:*

Apariço: Folgue tanto!

Ordonho: Y él *calar*?

Apariço: E elle *callar* e *levar*, assi, assi ...

*Auto da India:*

E eu ca *esmorecer*, fazendo mil devações ...

*Farsa do juiz da Beira:*

Não vêdes meu afanar, e elle *folgar*, nó mais?

*Farsa de Inês Pereira:*

... E êle se nam *pegar*.

*Auto da Fe:*

... toman una como aquella nuestros amos, a *clamar*

*Auto da Sibila Cassandra:*

Otros a *garzonear* por el lugar, pavonando tras garcetas ...

*Comédia de Rubena:*

Vós não tendes que fazer? Ella a *calar*, e elle a *dizer* ...

*Auto de Mofina Mendes:*

E s'ele baila na voda, qu'está ainda por sonhar, e os patos por nacer ... e a Mofina a *bailar*, que menos podia ser?

O infinitivo de narração emprega-se ainda na língua literaria, e fornece uma fonte não crioula para o uso do infinitivo sem flexão nas conversações entre falantes nativos do português e os indígenas de outros continentes.

### **Resumo da formação da construção verbal *ta* + INFINITIVO**

Postulamos os seguintes fatores como explicação da combinação *ta* + INFINITIVOS nos crioulos de base portuguesa:

(32)

- O emprego do infinitivo invariável das línguas romances desde tempos medievais como representação da fala dos estrangeiros indesejáveis e inferiores e também como língua franca para falar com os estrangeiros e na língua franca ou *sabir* do Mediterrâneo (Lipski 2002b).
- emprego do infinitivo não flexionado na linguagem infantil de muitas línguas romances e germânicas e também na linguagem das pessoas que sofrem dos impedimentos lingüísticos (Lipski 2002b).
- A variante na língua portuguesa—existente desde a época medieval—*estar a* + INFINITIVO em vez do gerúndio para as construções progressivas.
- A existência—em português e em espanhol desde o período medieval—do infinitivo de narração como modelo do infinitivo isolado.
- A tendência nas variedades pidginizantes do português de empregar a terceira pessoa do singular como verbo invariável.
- A preferência nos pidgins por uma sintaxe reduzida sem componente de flexão INFL que produz a conjugação dos verbos em português; a combinação já existente *estar (a)* + INFINITIVO oferecia um modelo ideal para os falantes dos pidgins de base portuguesa visto que contém duas formas verbais sem flexão que podem se transformar em um paradigma inovador.
- A erosão fonética do infinitivo, o gerúndio e o verbo *estar* praticada pelos aprendizes da língua portuguesa em Africa, Asia, América e mesmo em Portugal nos primeiros anos de contatos lingüísticos arolusitanos.

**Resumo da distribuição de *ta* e *sa***

Os dados apresentados neste trabalho sugerem que a partícula verbal *ta* surgiu em Portugal e provém da combinação *estar a* + INFINITIVO, existente já na língua portuguesa dos séculos XVI e XVII mas que ainda não pertencia à linguagem culta e literária. A sua estrutura não flexionada facilitava a comunicação entre portugueses e falantes dos pidgins de base portuguesa e pelo tanto esta combinação extendia-se entre as línguas crioulas resultantes mesmo antes de ser aceiteada como variante culta em Portugal, no século XIX. É por esta razão que a combinação *estar a* + INFINITIVO não está integrada ao português brasileiro mas forma componente integral dos crioulos lusoamericanos (papiamentu, saramaccan, palenquero).

Os crioulos do Golfo da Guiné (São Tomé, Príncipe, Annobom) evidentemente formaram-se *in situ* numa época muito cedo (durante o século XVI até o começo do século XVII) e só absorviam as combinações inovadoras formadas em África, é dizer o verbo híbrido *sã/sa* e a preferência pela primeira pessoa do singular, acrescentando novos elementos surgidos pelo contato entre o pidgin português e as línguas africanas da Bahia de Benim e a região do Congo, entre eles a partícula *ka*, que nos crioulos do Golfo da Guiné realiza as funções da partícula *ta* nos outros crioulos de base portuguesa. Os escravos de São Tomé ficavam isolados da evolução sintática do português europeu; não empregavam o infinitivo gerundivo *estar a* + INFINITIVO e não contribuíam o verbo copulativo *sa* aos outros crioulos de base portuguesa formados na mesma época.<sup>10</sup>

Se for acertada a hipótese sobre a formação de *ta* (em Portugal) e *sa/sã* (nas costas africanas), então o crioulo de São Tomé (que contém *sa* mas não *ta*) não pode ser a única fonte para a língua palenquera (que tem *ta* mas não *sa*). Os paralelos entre o crioulo são-tomense e o palenquero são notáveis, mas o sistema verbal é mais semelhante aos crioulos de Cabo Verde e Guiné-Bissau que dos crioulos do Golfo de Guiné; lembramos que o «rei Benkos», um dos

fundadores do Palenque de San Basilio, era da região da Guiné-Bissau, de maneira que é possível que estivesse presente no Palenque uma variante emergente dos crioulos afroportugueses da Senegâmbia ao lado do «género de lenguaje muy corrupto y revesado de la portuguesa que llaman lengua de San Thomé ...» descrito pelo sacerdote espanhol Alonso de Sandoval, residente em Cartagena de Indias em 1627 (Sandoval 1956:94).<sup>11</sup>

Ainda ficam varios problemas a resolverem no que diz respeito às línguas crioulas de base portuguesa, sobre tudo as relações genealógicas entre os crioulos da África e de Asia; esperamos ter esclarecido uns puntos relativos às partículas verbais e a distribuição dos verbos copulativos, a maneira de contribuição ao debate fundamental que circunda o estudo das línguas crioulas.

## Bibliografia

- Amaro, Ama Maria. 1980. Um jogo africano de Macau: a chonca. Macau: Separata do N<sup>o</sup> 1 da Revista da Faculdade de Ciências Sociais e Humanas da UNL.
- Andrade, G. de. 1961. Contos d'Africa, antologia de contos angolanos. Sá da Bandeira: Publicações Imbondeiro.
- Azeredo, Guilhermina de. 1956. Brancos e negros. Lisboa: Agência Geral do Ultramar.
- Atkins, Guy. 1953. The tonal structure of Portuguese loan words in Kimbundu. Boletim de Filologia 14.340-342.
- Bal, Willy. 1961. Prénoms portugais en KiKongo. Revue Internationale d'Onomastique 14.219-222.
- \_\_\_\_\_. 1968. O destino de palavras de origem portuguesa num dialecto quicongo. Revista Portuguesa de Filologia 15.49-101.
- \_\_\_\_\_. 1975. Particularités actuelles du français d'Afrique centrale. Le français hors de France, ed. Fédération du Français Universel, 340-349. Dakar/Abidjan: Les Nouvelles Editions Africaines.
- \_\_\_\_\_. 1988. Langues africaines et langues romanes. Mélanges Willy Bal, Africana Romanica, ed. Dieter Kremer, 217-247. Hamburgo: Buske.
- Barbosa, Afranio Gonçalves. 1999. Para uma história do português colonial: aspectos lingüísticos em cartas de comércio. Tese de Doutorado em Língua Portuguesa, Universidade Federal de Rio de Janeiro.
- Barrena, Nicolás. 1957. Gramática annobonesa. Madrid: Instituto de Estudios Africanos.
- Batalha, Graciela Nogueira. 1958-9. Estado actual do dialecto macaense. Revista Portuguesa de Filologia 9.177-213.

- \_\_\_\_\_. 1960. Coincidências com o dialecto de Macau em dialectos espanhóis das ilhas Filipinas. *Boletim de Filologia* 19.295-303.
- \_\_\_\_\_. 1974. *Língua de Macau*. Macau: Imprensa Nacional.
- \_\_\_\_\_. 1982. *Língua e cultura portuguesas em Goa--estado actual*. Macau: Serviços de Educação e Cultura de Macau.
- Birmingham, John. 1970. *The Papiamentu language of Curaçao*. Tese de Doutorado, University of Virginia.
- Bonaparte, L. L. 1877. *Lingua Franca*. *The Athenaeum*, maio 19, 1877, p. 640; junho 2, 1877, p. 703.
- Bradshaw, A. T. von S. 1965. *Vestiges of Portuguese in the languages of Sierra Leone*. *Sierra Leone Language Review* 4.5-37.
- Cabral, António Carlos Pereira. 1975. *Empréstimos lingüísticos nas linguas moçambicanas*. Lourenço Marques: Empresa Moderna.
- Chafetz, Jill, Heidi Feldman e Nancy Wareham. 1992. 'There car': ungrammatical parentese. *Journal of Child Language* 19.473-480.
- Chaudenson, Robert. 1978. *Créole et langage enfantin: phylogénèse et ontogénèse*. *Language Française* 37.76-90.
- Cifoletti, Guido. 1978. *Lingua Franca e Sabir: considerazioni storiche e terminologiche*. *Incontri Linguistici* 4.205-212.
- \_\_\_\_\_. 1989. *La lingua franca mediterranea*. Padova: Unipress.
- Clahsen, Harald. 1989. *The grammatical characterization of developmental dysphasia*. *Linguistics* 27.897-920.
- \_\_\_\_\_. 1991. *Child language and developmental aphasia*. Amsterdam e Filadelfia: John

Benamins.

Clark, Eve. 1985. The acquisition of Romance, with special reference to French. The crosslinguistic study of language acquisition, vol 1., ed. Dan Slobin, 687-782. Hillsdale, NJ: Lawrence Erlbaum.

Coates, William. 1971. The Lingua Franca. Papers from the fifth annual Kansas Linguistics Conference, ed. Frances Ingemann, 25-34. Lawrence: University of Kansas, Linguistics Department.

Collier, Barbara. 1976. On the origins of Lingua Franca. *Journal of Creole Studies* 1.281-298.

Combarieu du Gres, Micheline de Jean Subrenat, editores e tradutores. 1981. *Le Roman de Renart*: edition bilingue. Paris: Union Générale d'Éditions.

Cortelazzo, Manlio. 1965. Che cosa s'intendesse per "lingua franca." *Lingua Nostra* 26.108-110.

\_\_\_\_\_. 1972. Nuovi contributi alla conoscenza del greghesco. *L'Italia Dialettale* 35.

\_\_\_\_\_. 1977. Il contributo del veneziano e del greco alla lingua franca. Venezia, centro di mediazione tra Oriente e Occidente (secoli XV-XVI), volume II, ed. H.-G. Beck, M. Manoussacas, A. Pertusi, 523-535. Florência: Leo S. Olschki Editore.

Coutelle, Louis. 1977. Grec, greghesco, lingua franca. Venezia, centro di mediazione tra Oriente e Occidente (secoli XV-XVI), volume II, ed. H.-G. Beck, M. Manoussacas, A. Pertusi, 537-544. Florência: Leo S. Olschki Editore.

Dumont, Pierre. 1983. *Le français et les langues africaines au Sénégal*. Paris: A.C.C.T. and Editions Karthala.

Fahlin, Carin. 1947. Observations sur l'infinif de narration en portugais et sur la construction du verbe "commencer." *Studia Neophilologia* 19.272-292.



- Faidherbe, Général. 1884. L'Alliance française pour la propagation de la langue française dans les colonies et les pays étrangers. *Revue Scientifique* January 1, 1884, 104-109.
- Faïk, Sully. 1979. Le français au Zaïre. Em Valdman et al. (eds.), 451-472.
- Ferdinand, Astrid. 1996. The development of functional categories: the acquisition of the subject in French. Tese de doutorado, Universidade de Leiden. A Haya: Holland Academic Graphics (HIL dissertations, 23).
- Ferguson, Charles. 1971. Absence of copula and the notion of simplicity: a study of normal speech, baby-talk, foreigner talk and pidgins. Em Hymes (1971:141-151).
- \_\_\_\_\_. 1975. Towards a characterization of English foreigner talk. *Anthropological Linguistics* 17.1-14.
- Ferraz, Luis Ivens. 1976. The substratum of Annobonese creole. *Linguistics* 173.37-47.
- \_\_\_\_\_. 1979. The creole of São Tomé. Johannesburg: Witwatersrand University Press.
- \_\_\_\_\_. 1983. The origin and development of four creoles in the Gulf of Guinea. The social context of creolization, ed. E. Woolford, W. Washabaugh, 120-125. Ann Arbor: Karoma.
- Ferreira, José dos Santos. 1967. Macau sã assí. Macau: Tipografia da Missão do Padroado.
- \_\_\_\_\_. 1973. Qui-nova Chencho. Macao: Missão do Padroado.
- \_\_\_\_\_. 1978. Papiá cristám di Macau. Macau: s. l.
- \_\_\_\_\_. 1990. Doci papiacám di Macau. Macau: Instituto Cultural de Macau.
- Ferreira, Manuel, ed. 1976. No reino de Caliban: antologia panorâmica de poesia africana de expressao portuguesa. Lisboa: Seara Nova.
- França, Bento da. 1897. Macau e os seus habitantes, relações com Timor. Lisboa: Imprensa Nacional.

- Fronzaroli, Pelio. 1955. Nota sulla formazione della lingua franca. Atti e Memorie dell'Accademia Toscana de Scienze e Lettere "La Colombaria" 20.211-252.
- Granda, Germán de. 1970. Un temprano testimonio sobre las hablas `criollas' en Africa y América. Thesaurus 25.1-11.
- Granado, António Coxito. 1940. Mucandas ou cartas de Angola (vulgarização popular colonial angolana). Lisboa: Imprensa Baroëth.
- Green, Katherine. 1997. Non-standard Dominican Spanish: evidence of partial restructuring. Tese de doutorado, City University of New York.
- \_\_\_\_\_. 1999. The creole pronoun *i* in non-standard Dominican Spanish. *Lenguas criollas de base lexical española y portuguesa*, ed. Klaus Zimmermann, 373-387. Frankfurt: Vervuert..
- \_\_\_\_\_. 2001. The past tense marker *a*: Palenquero in San Cristóbal (Dominican Republic). to Domingo. *Palenque, Cartagena y Afro-Caribe: historia y lengua*, ed. Yves Moñino e Armin Schwegler, 137-148. Tübingen: Niemeyer.
- Grion, G. 1891. Farmacopea e lingua franca del dugento. *Archivio Glottologico Italiano* 12.181-186.
- Guasti, Maria Teresa. 1993/4. Verb syntax in Italian child grammar: finite and nonfinite verbs. *Language Acquisition* 3.1-40.
- Guimaraes, A. J. Gonçalvez (ed.). 1915. *Cancioneiro Geral de Garcia de Resende*, tomo IV. Coimbra: Imprensa da Universidade
- \_\_\_\_\_. 1917. *Cancioneiro Geral de Garcia de Resende*, tomo V. Coimbra: Imprensa da Universidade.
- Günther, Wilfried. 1973. *Das portugiesische Kreolisch der Ilha do Príncipe*. Marburg an der

- Lahn: Selbatverlag.
- Hadel, Richard. 1969. Modern creoles and Sabir. *Folklore Annual of the University Folklore Association* 1.35-43.
- Haedo, Diego de. 1927. *Topografía e historia general de Argel*. Madrid: Sociedad de Bibliófilos Españoles.
- Haegeman, Liliane. 1996. Root infinitives, clitics and truncated structures. *Generative perspectives on language acquisition*, ed. Harald Clahsen, 271-307. Amsterdam e Filadelfia: John Benjamins.
- Harris, Tony e Ken Wexler. 1996. The optional-infinitive stage in child English: evidence from negation. *Generative perspectives on language acquisition*, ed. Harald Clahsen, 1-42. Amsterdam e Filadelfia: John Benjamins.
- Harvey, L. P., R. O. Jones Keith Whinnom. 1967. *Lingua Franca in a villancico by Encina*. *Revue de Littérature Comparée* 41.572-579.
- Hatherly, Ana. 1990. *Poemas em língua de preto dos séculos XVII e XVIII*. Lisboa: Quimera.
- Hernández Piña, Fuensanta. 1984. *Teorías psicosociolingüísticas y su aplicación al español como lengua materna*. Madrid: Siglo XXI.
- Hinnenkamp, Volker. 1984. Eye-witnessing pidginization? Structural and sociolinguistic aspects of German and Turkish foreigner-talk. *Papers from the York Creole Conference*. *York Papers in Linguistics*, ed. Mark Sebba and Loreto Todd, v. 11, 153-166. York: University of York, Department of Language.
- Hoekstra, Teun e Nina Hyams. 1998. Aspects of root infinitives. *Lingua* 106.81-112.
- Hymes, Dell, ed. 1971. *Pidginization and Creolization of Languages*. Cambridge: Cambridge University Press.

- Jackson, Kenneth. 1990. Sing without shame: oral traditions in Indo-Portuguese creole verse. Amsterdam y Filadelfia: John Benjamins.
- Kahane, Henry Renée Kahane. 1958. The Lingua Franca in the Levant; Turkish nautical terms of Italian and Greek origin. Urbana: University of Illinois Press.
- \_\_\_\_\_. 1976. Lingua franca: the story of a term. *Romance Philology* 30.25-41.
- Kihm, Alain. 1987. Les créoles portugais. *Bulletin des Etudes Portugaises et Brésiliennes* 46-47.61-87.
- \_\_\_\_\_. 1994. Kriyol syntax: the Portuguese-based creole language of Guinea-Bissau. Amsterdam y Filadelfia: Benjamins.
- Kiraithe, Jacqueline and Nancy Baden. 1976. Portuguese influences in East African languages. *African Studies* 35.5-31.
- Kopke, Manuel. 1928. *Cartas de Africa, 1895-1915*. Pôrto: Imprensa Moderna.
- Lafage, Suzanne. 1985. *Français écrit et parlé en pays éwé (Sud-Togo)*. París: SELAF.
- Lang, George. 1992. The literary settings of lingua franca (1300-1830). *Neophilologus* 76.64-76.
- \_\_\_\_\_. 2000. *Entwisted tongues: comparative creole literatures*. Amsterdam e Atlanta: Rodopi.
- Lenz, Rodolfo. 1928. *El papiamentu, la lengua criolla de Curazao*. Santiago: Universidad de Chile.
- Leonard, Laurence. 1998. *Children with specific language impairment*. Cambridge: MIT Press.
- Likangama, M. 1990. Les emprunts linguistiques du kikongo au portugais. *Táira* 2.91-109.
- Lipski, John. 1986. Sobre la construcción *ta* + infinitivo en el español "bozal." *Lingüística*

*Española Actual* 8.73-92.

- \_\_\_\_\_. 1987. The construction *ta* + infinitive in Caribbean *bozal* Spanish. *Romance Philology* 40.431-450.
- \_\_\_\_\_. 1991. Origen y evolución de la partícula *ta* en los criollos afrohispanicos. *Papia* 1(2).16-41.
- \_\_\_\_\_. 1992a. Origin and development of *ta* in Afro-Hispanic creoles. *Atlantic meets Pacific: a global view of pidginization and creolization*, ed. Francis Byrne, John Holm, 217-231. Amsterdam: John Benjamins
- \_\_\_\_\_. 1992b. Spontaneous nasalization in Afro-Hispanic language. *Journal of Pidgin and Creole Languages*.
- \_\_\_\_\_. 1999. Evolución de los verbos copulativos en el español *bozal*. *Lenguas criollos de base lexical española y portuguesa*, ed. Klaus Zimmermann, 145-176. Frankfurt: Vervuert.
- \_\_\_\_\_. 2000a. *Bozal* Spanish: restructuring or creolization? *Degrees of restructuring in creole languages*, ed. Ingrid Neumann-Holzschuh, Edgar Schneider, 55-83. Amsterdam e Filadelfia: John Benjamins.
- \_\_\_\_\_. 2000b. Las cartas congolezas del siglo XVI: un temprano testimonio del contacto lingüístico afro-lusitano. *Homenaje al Dr. Germán de Granda*, vol. 2, 925-938. Número especial do *Anuario de Lingüística Hispánica*, vols. 12-13 [1996-1997].
- \_\_\_\_\_. 2001. On the source of the infinitive in Romance-derived pidgins and creoles. Trabalho apresentado na reunião da Society for Pidgin and Creole Linguistics, Washington, D. C., janeiro, 2001.
- \_\_\_\_\_. 2002a. Génesis y evolución de la cópula en los criollos afro-ibéricos. *Palenque*,

- Cartagena y Afro-Caribe: historia y lengua*, ed. Yves Moñino, Armin Schwegler, 65-101. Tübingen: Niemeyer.
- \_\_\_\_\_. 2002b. 'Partial' Spanish: strategies of pidginization and simplification (from *Lingua Franca* to 'Gringo Lingo'). *Romance phonology and variation*, ed. Caroline Wiltshire, Joaquim Camps, 117-143. Amsterdam: John Benjamins.
- Lopes da Silva, Baltasar. 1957. *O dialecto crioulo de Cabo Verde*. Lisboa: Junta do Ultramar.
- López Ornat, Susana, Almudena Fernández, Pilar Gallo and Sonia Mariscal. 1994. *La adquisición de la lengua española*. Madrid: Siglo Veintiuno.
- Lund, Christopher. 1980. *Anedotas portuguesas e memórias biográficas da corte quinhentista*. Coimbra: Livraria Almedina.
- Magne, Augusto. 1970. *A demanda do Santo Graal*, vol. II. Rio de Janeiro: Ministério da Educação e Cultura, Instituto Nacional do Livro.
- Maler, Bertil. 1972. L'infinifitif gérondival portugais: quelques notes sur la propagation. *Stockholm Studies in Modern Philology* 4.250-268.
- Martins, Manuel de Moraes. 1958a. *Contribuição para o estudo da influência do português na língua quicongo*. *Garcia de Orta* 6.33-51.
- \_\_\_\_\_. 1958b. *Contacto de culturas no Congo português*. Lisboa: Junta de Investigações de Ultramar.
- Maurer, Philippe. 1988. *Les modifications temporelles et modales du verbe dans le papiamentu de Curaçao (Antilles Néerlandaises)*. Hamburgo: Helmut Buske.
- \_\_\_\_\_. 1995. *L'angolar: un créole afro-portugais parlé à São Tomé*. Hamburgo: Helmut Buske.
- Menn, Lise. 1989. *Some people who don't talk right: universal and particular in child language*,

- aphasia, and language obsolescence. *Investigating obsolescence: studies in language contraction and death*, ed. Nancy Dorian, 335-345. Cambridge: Cambridge University Press.
- Menn, Lise e Loraine Obler, 1990. *Cross-language data and theories of agrammatism. Agrammatic aphasia: a cross-language narrative sourcebook*, ed. Lise Menn, Loraine Obler, Helen Goodglass, 1368-1389. Filadelfia: John Benjamins.
- Miceli, Gabriele e Anna Mizzuchi. 1990. *Agrammatism in Italian. Agrammatic aphasia: a cross-language narrative sourcebook*, ed. Lise Menn, Loraine Obler, Helen Goodglass, 717-816. Filadelfia: John Benjamins.
- Migliorini, Bruno. 1966. *Storia della lingua italiana*. Florência: Sansoni.
- Moneglia, Massimo e Emanuela Cresti. 1993. *Formazione dell'atto linguistico complesso e intonazione: l'ontogenesi delle relazioni informative in italiano. Ricerche sull'acquisizione dell'italiano*, ed. Emanuela Cresti e Massimo Moneglia, 63-114. Roma: Bulzoni.
- Moniz, Antonio Francisco. 1925. *The Negroes and St. Benedict's feast. In the mission field: the diocese of Damaun*, 567-572. Bombay: E. G. Pearson at the Times Press.
- Morais-Barbosa, Jorge, ed. 1963. *Estudos linguísticos crioulos*. Lisboa: Academia Internacional de Cultura Portuguesa.
- \_\_\_\_\_. 1975. *Cape Verde, Guinea Bissau and São Tomé and Príncipe: the linguistic situation*. In Valkhoff, ed. (1975: 133-51).
- Naro, Anthony. 1978. *A study on the origins of pidginization*. *Language* 45.314-347.
- Naxara, Joseph de. 1672. *Espejo mystico en que el hombre interior se mira practicamente ilustrado para los conocimientos de Dios*. Madrid: Colegio Imperial de Compañía de

- Jesús (Madrid, Biblioteca Nacional ms. 3/63664).
- Otto, Richard. 1891. Der portugiesische Infinitiv bei Camões. *Romanische Forschungen* 6.299-394.
- Pierce, Amy. 1992. *Language acquisition and syntactic theory*. Dordrecht: Kluwer.
- Pinto, Jeanette. 1992. *Slavery in Portuguese India 1510-1842*. Bombay: Himalaya Publishing House.
- Pizzuto, Elena and Maria Cristina Caselli. 1992. The acquisition of Italian morphology: implications for models of language development. *Journal of Child Language* 19.491-557.
- Post, Anike. 1995. Fa d'Ambu. *Pidgins and creoles, an introduction*, ed. Jacques Arends, Pieter Muysken, Norval Smith, 191-204. Amsterdam y Filadelfia: John Benjamins.
- Prata, A. Pires. 1983. A influência da língua portuguesa sobre o suahíli e quatro línguas de Moçambique. Lisboa: Instituto de Investigação Científica Tropical.
- Renaud, Patrick. 1979. Le français au Cameroun. Em Valdman et al. (eds.), 425-439.
- Rice, Mabel e Kenneth Wexler. 1996. A phenotype of specific language impairment: extended optional infinitives. *Toward a genetics of language*, ed. Mabel Rice, 215-237. Mahwah, NJ: Lawrence Erlbaum.
- Rizzi, Luigi. 1993/4. Some notes on linguistic theory and language development: the case of root infinitives. *Language acquisition* 3.371-393.
- Roulon, Paulette. 1972. Etude du français et du sango parlés par les Ngbaka-Ma'Bo (République Centrafricaine). *Ethnies* 2.133-165.
- Sandoval, Alonso de. 1956. *De instauranda aethiopum salute; el mundo de la esclavitud negra en América*. Bogotá: Imprensa Nacional de Publicaciones, edição facsimilar.



- Sarró López, Pilar. 1988. Notas sobre la morfosintaxis del habla de las negras de Lope de Rueda. Actas del I Congreso Internacional de Historia de la Lengua Española, ed. M. Ariza, A. Salvador, A. Viudas, t. I, 601-610. Madrid: Arco.
- Schuchardt, Hugo. 1882. Kreolische Studien II. Ueber das Negerportugiesische von S. Thomé (Westafrika). Sitzungsberichte der kaiserlichen Akademie der Wissenschaften zu Wien 101(2).889-917.
- \_\_\_\_\_. 1883a. Kreolische Studien III: ueber das Indoportugiesische von Diu. Sitzungsberichte der Kaiserlichen Akademie der Wissenschaften zu Wien 103, 3-18.
- \_\_\_\_\_. 1883b. Kreolische Studien VI: ueber das Indoportugiesischen von mangalore. Sitzungsberichte der Kaiserlichen Akademie der Wissenschaften zu Wien 105, 881-904.
- \_\_\_\_\_. 1883c. Kreolischen Studien II: ueber das Indoportugiesische von Cochim. Sitzungsberichte der Kaiserlichen Akademie der Wissenschaften zu Wien 102, 799-816.
- \_\_\_\_\_. 1888a. Kreolische Studien VII. Ueber das Negerportugiesische von Annobom. Sitzungsberichte der kaiserlichen Akademie der Wissenschaften zu Wien 116(1).193-226.
- \_\_\_\_\_. 1888b. Beiträge zur Kenntnis des kreolischen Romanisch I: Allgemeineres über das Negerportugiesische. Zeitschrift für romanische Philologie 12.242-254.
- \_\_\_\_\_. 1888c. Beiträge zur Kenntnis des kreolischen Romanisch II. Zum Negerportugiesischen Senegambiens. Zeitschrift für romanische Philologie 12, 301-12.
- \_\_\_\_\_. 1888d. Beiträge zur Kenntnis des kreolischen Romanisch III. Zum Negerportugiesische des Kapverden. Zeitschrift für romanische Philologie 12, 312-22.
- \_\_\_\_\_. 1889a. Beiträge zur Kenntnis des kreolischen Romanisch: zum Negerportugiesischen der Ilha do Principe. Zeitschrift für romanische Philologie 13.463-475.

- \_\_\_\_\_. 1889b. Allgemeiners ueber das Indoportugiesische. *Zeitschrift für romanische Philologie* 13, 476-524.
- \_\_\_\_\_. 1909. Die Lingua Franca. *Zeitschrift für romanische Philologie* 33.441-461.
- Schwegler, Armin. 1991. Zur Problematik der afroportugiesischen Kontaktsprache in Amerika: Neues aus El Palenque de San Basilio (Kolumbien). *Lusorama* 15:54-79.
- \_\_\_\_\_. 1993. Rasgos (afro-) portuguese en el criollo del palenque de San Basilio (Colombia). Homenaje a José Pérez Vidal, ed. Carmen Díaz Alayón, 667-696. La Laguna: Litografía A. Romero.
- \_\_\_\_\_. 1996. "Chi ma ʔkongo": lengua y rito ancestrales en El Palenque de San Basilio (Colombia). Frankfurt: Vervuert. 2 vols.
- \_\_\_\_\_. 2002. On the (African) origins of Palenquero subject pronouns. *Diachronica* 19(2).273-332.
- Shyirambere, Spiridion. 1979. Le français au Rwanda et au Burundi. Em Valdman et al. (eds.), 473-492.
- Smith, Ian. 1978. Sri Lanka creole Portuguese phonology. *International Journal of Dravidian Linguistics* 7.248-406.
- Stolz, Thomas. 1987. Verbale Morphosyntax der portugiesisch-basierten Kreols. *Iberoamericana* 11(1) [nº. 30].35-59.
- Teixeira, Manuel. 1976. O comércio de escravos em Macau. *Boletim do Instituto Luís de Camões (Macau)* 10(1-2).5-21
- Thompson, Robert. 1959. Two synchronic cross-sections in the Portuguese dialect of Macao. *Orbis* 8.29-53.
- Tinhorão, José Ramos. 1988. Os negros em Portugal. Lisboa: Editorial Caminho.

- Torrens, Vicenç. 1995. The acquisition of inflection in Spanish and Catalan. Papers on language processing and acquisition (MIT Working Papers in Linguistics vol. 26), ed. Carson Schütze, Jennifer Ganger e Kevin Broihier, 451-472.
- Valdman, A., R. Chaudenson, G. Manessy (eds.). 1979. Le français hors de France. París: Editions Honoré Champion.
- Valkhoff, Marius. 1966. Studies in Portuguese and creole. Johannesburgo: Witwatersrand University Press.
- \_\_\_\_\_. 1975. A comparative study of São-Tomense and Cabo-Verdiano creole. Em Valkhoff, ed. (1975:15-39).
- \_\_\_\_\_, ed. 1975. Miscelânea Luso-Africana. Lisboa: Junta do Ultramar.
- Véronique, Daniel. 1994. Naturalistic adult acquisition of French as L2 and French-based creole genesis compared: insights into creolization and language change. Creolization and language change, ed. Dany Adone e Ingo Plag, 117-137. Tübingen: Niemeyer.
- Vianello, N. 1955. "Lingua franca" di Barberia e "lingua franca" di Dalmazia. Lingua Nostra 15/67-68.
- Vicente, Gil. 1941. Farsa de Inês Pereira. Pôrto: Domingos Barreira.
- \_\_\_\_\_. 1943. Obras completas, v. III. Lisboa: Livraria Sá da Costa.
- Vidal, João Evangelista de Lima. 1916. Por terras d'Angola. Coimbra: F. França Amado, Editor.
- Vieira, José Luandino. 1980. A vida verdadeira de Domingos Xavier. São Paulo: Editora Atica.
- Vila, Isidro. 1891. Elementos de la gramática ambú o de Annobón. Madrid: A. Pérez Dubrull.
- Wexler, Kenneth. 1994. Optional infinitives, head movement and the economy of derivations.

Verb movement, ed. David Lightfoot e Norbert Hornstein, 305-350. Cambridge: Cambridge University Press.

\_\_\_\_\_. 1996. The development of inflection in a biologically based theory of language acquisition. *Toward a genetics of language*, ed. Mabel Rice, 113-144. Mahwah, NJ: Lawrence Erlbaum.

\_\_\_\_\_. 1998. Very early parameter setting and the unique checking constraint: a new explanation of the optional infinitive stage. *Lingua* 106.23-79.

Whinnom, Keith. 1977. The context and origins of Lingua Franca. *Langues en contact--pidgins-creoles--languages in contact*, ed. Jürgen Meisel, 3-18. Tübingen: Gunter Narr.

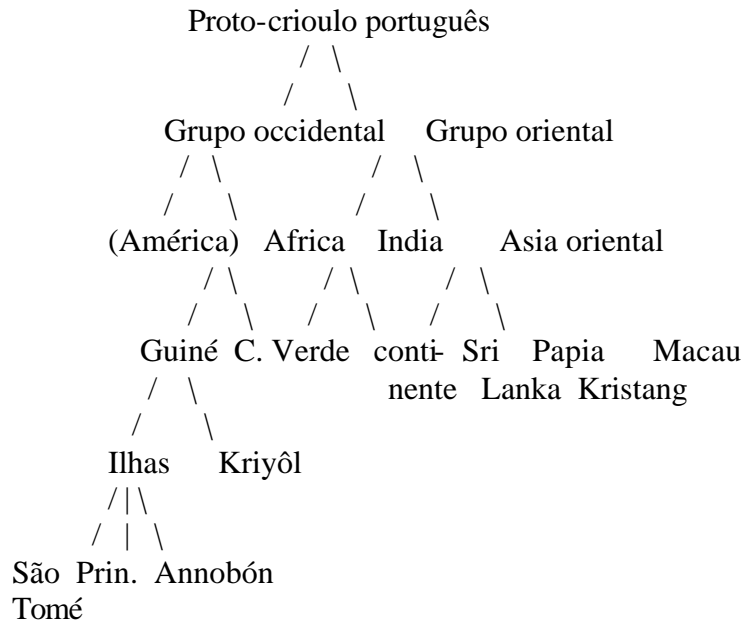
Williams, Edwin. 1962. *From Latin to Portuguese*. Filadelfia: University of Pennsylvania Press. 2<sup>a</sup> ed.

Wood, Richard. 1971. The Lingua Franca in Molière's *Le bourgeois gentilhomme*. *USF Language Quarterly* 10.2-6.

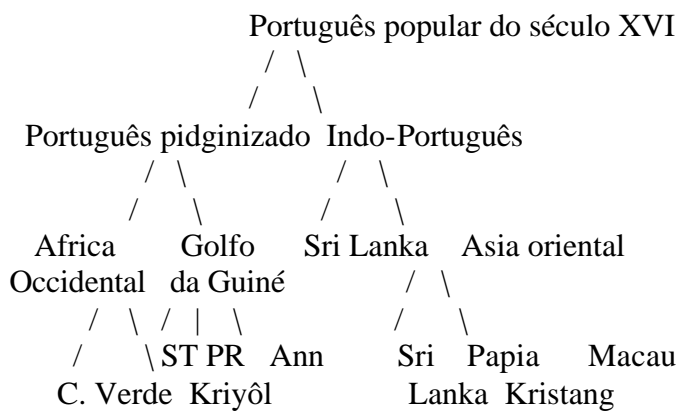
Tabla 1: evolución de la construcción *ta* +  $V_{inf}$

(s. XVI) *está falando* ---6---(es)tá falan(d)o---6--ta falã--+  
 9  
 (s. XVI-XVII) *está a falar* ---6 (es)tá (a) fala(r) ---6--ta falá

<sup>1</sup> Stolz (1987:54) propõe a seguinte genealogia para os crioulos de base portuguesa:



Kihm (1987:77) oferece um modelo similar:



Lipski (1999, 2002a) propõe uma configuração mais complexa.

<sup>2</sup> Barrena (1957), Ferraz (1976, 1979, 1983), Günther (1973), Schuchardt (1881, 1888a, 1889<sup>a</sup>), Vila (1891).

<sup>3</sup> Batalha (1958-9, 1960, 1974), Ferreira (1967, 1973, 1978, 1990), França (1897),

---

Thompson (1959).

<sup>4</sup> Bal (1961, 1968, 1975, 1988), Atkins (1953), Dumont (1983), Faïk (1979), Lafage (1985), Likangama (1990), Lipski (1992b), Martins (1958a, 1958b), Renaud (1979), Roulon (1972), Shyirambere (1979), Bradshaw (1965), Cabral (1975), Kiraithe e Baden (1976) Prata (1983).

<sup>5</sup> No crioulo de Macau é frequente a redução do diptongo *-aõ* a [ã]. Também Jackson (1990), Smith (1978:263), Moniz (1925), Schuchardt 1883), Pinto (1992), Batalha (1974), Teixeira (1976).

<sup>6</sup> Por exemplo Lopes da Silva (1957:139), Schuchardt (1888d:251), Valkhoff (1966:107), Lenz (1928:120), Birmingham (1970:143).

<sup>7</sup> Bonaparte (1877), Cifoletti (1978, 1989), Coates 1(971), Collier (1976), Cortelazzo (1965, 1972, 1977), Coutelle (1977), Fronzaroli (1955), Grion (1891), Hadel (1969), Harvey e Whinnom (1967), Kahane e Kahane (1976), Lang (1992, 2000), Schuchardt (1909), Vianello (1955), Whinnom (1977), Wood (1971).

<sup>8</sup> Chafetz et al. (1992), Chaudenson (1978), Clark (1985), Ferdinand (1996), Ferguson (1971, 1975), Guasti (1993/4), Haegeman (1996), Harris e Wexler (1996), Hernández Piña (1994), Hinnenkamp (1984), Hoekstra e Hyams (1998), López Ornat et al. (1994), Moneglia e Cresti (1993); Pierce (1992), Pizzuto e Caselli (1992), Rizzi (1993/4), Torrens (1995), Véronique (1994), (Wexler 1994, 1996, 1998).

<sup>9</sup> Clahsen (1989, 1991), Leonard (1998), Menn (1989), Menn e Obler (1990), Miceli e Mizzuchi (1990), Rice e Wexler (1996).

<sup>10</sup> A falar do crioulo de Príncipe, Schuchardt (1889a:472) descreve as partículas progressivas *sa va*:

Dieses *sává* bestätigt die Vermutung da?s in dem *sá* ebenso des südlichen wie des nördlichen Kreolisch port. *está* und *são* zusammengefallen sind. [este *sává* confirma a suspeita duma combinação de *está* e *são* tanto nos crioulos portugueses do norte como dos crioulos do sul]

Não aceitamos a necessidade duma fusão de *(es)tá(r)* e *sã/são* nos crioulos do Golfo da Guiné pois não há evidência da partícula *ta* ter chegado a São Tomé em algum momento. Também é possível que a semelhança fonética entre *ta* e *sa*—ademais da variante *?a* em angular e a realização [xa] de *ka* e [ʔa] de *já* em Annobom—tinha contribuído à rejeição da partícula *ta* nos crioulos do Golfo da Guiné. Mas seja como for parece que *ta* não figurava no sistema verbal dos crioulos do Golfo da Guiné em nenhum ponto da sua história.

<sup>11</sup> Granda (1970); para o palenquero, Schwegler (1991, 1993, 1996).